

Educação do Campo

**Práticas pedagógicas usando as tecnologias digitais
numa perspectiva do letramento digital**



Sabrina Stein
Charles Moreto

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Espírito Santo
Programa de Pós Graduação em Ensino de Humanidades (PPGEH)
Mestrado Profissional em Ensino de Humanidades

Educação do Campo

**Práticas pedagógicas usando as tecnologias digitais
numa perspectiva do letramento digital**



Sabrina Stein

Charles Moreto

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Biblioteca Nilo Peçanha do Instituto Federal do Espírito Santo)

S819e Stein, Sabrina.

Educação do campo [recurso eletrônico] : práticas pedagógicas usando as tecnologias digitais numa perspectiva do letramento digital / Sabrina Stein, Charles Moreto. – 1. ed. - Vitória : Instituto Federal do Espírito Santo, 2019.

77 p. : il. ; 30 cm.

ISBN: 978-85-8263-504-9 (E-book)

1. Professores - Formação. 2. Educação - Inovações tecnológicas. 3. Letramento - Educação. 4. Educação - Aprendizagem. 6. Ensino fundamental. I. Moreto, Charles. II. Instituto Federal do Espírito Santo. III. Título.

CDD 21 – 370.71

Elaborada por Ronald Aguiar Nascimento – CRB-6/MG - 3116

Realização:



Edifes

Instituto Federal do Espírito Santo

Rua Barão de Mauá, 30, Jucutuquara - Vitória, Espírito Santo. CEP: 29040-860.

Tel (27) 3198-0910

E-mail: editora@ifes.edu.br

Comissão Científica

Aldieres Braz Amorim Caprini

Diemerson Saquetto

Deane Monteiro Vieira Costa

Jair Ronchi Filho

Coordenação Editorial

Antonio Donizetti Sgarbi

Leonardo Bis

Revisão de texto

Victor Hugo Alves de Souza

Editoração

Marcelo Andreão Ribeiro

Sabrina Stein

Produção e Divulgação

Programa de Pós-Graduação em Ensino de Humanidades



INSTITUTO FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO

JADIR PELA
Reitor

ANDRÉ ROMERO DA SILVA
Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação

RENATO TANNURE ROTTA DE ALMEIDA
Pró-Reitor de Extensão

ADRIANA PIONTTKOVSKY BARCELLOS
Pró-Reitora de Ensino

LEZI JOSÉ FERREIRA
Pró-Reitor de Administração

LUCIANO TOLEDO DE OLIVEIRA
Pró-Reitor de Desenvolvimento Institucional

IFES - CAMPUS VITÓRIA

HUDSON LUIZ COGO
Diretor Geral

MÁRCIO ALMEIDA CÓ
Diretor de Ensino

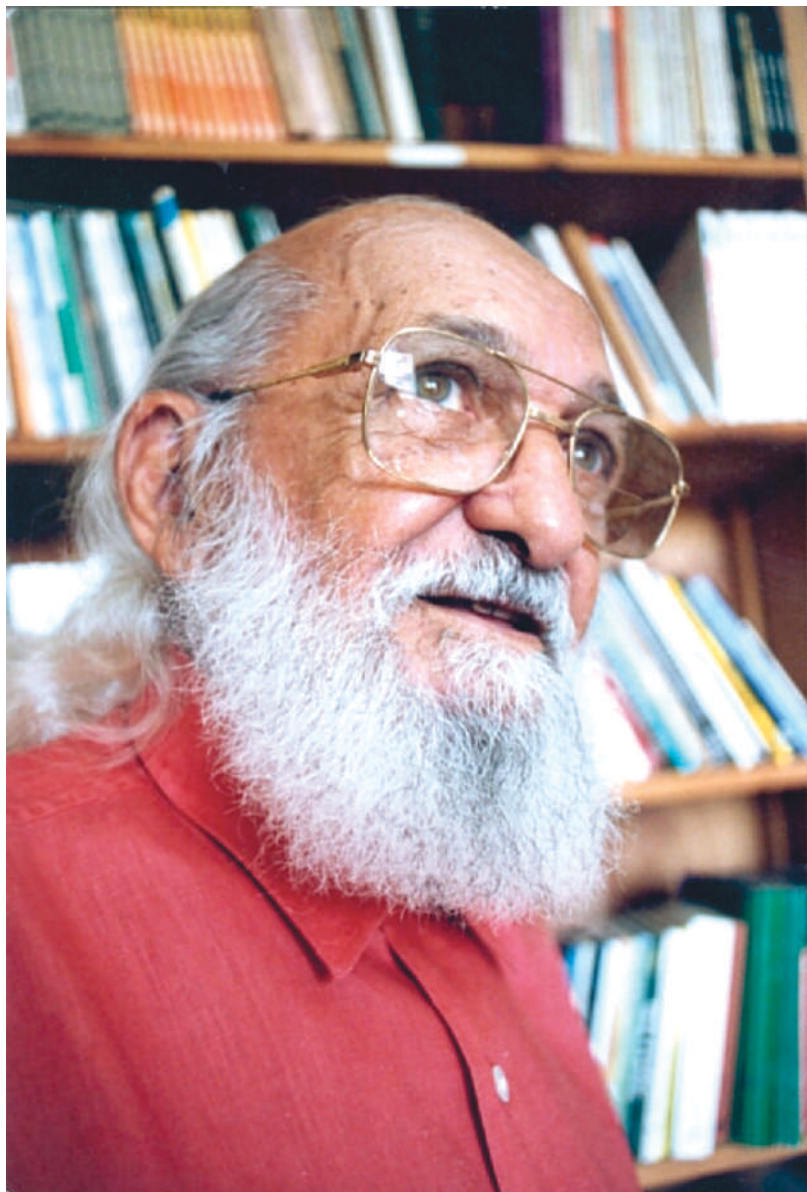
CHRISTIAN MARIANI DOS SANTOS
Diretor de Extensão

ROSENI DA COSTA SILVA PRATTI
Diretora de Administração

MÁRCIA REGINA PEREIRA LIMA
Diretora de Pesquisa e Pós-Graduação

LEONARDO BIS DOS SANTOS
Coordenador do PPGEH





Escola é...

O lugar onde se faz amigos

**Não se trata só de prédios, salas, quadros,
Programas, horários, conceitos...**

Escola é sobretudo, gente,

**Gente que trabalha, que estuda, que se alegra,
se conhece, se estima.**

O diretor é gente,

O coordenador é gente, o professor é gente,

O aluno é gente.

Cada funcionário é gente.

E a escola será cada vez melhor

Na medida em que cada um

Se comporte como colega, amigo, irmão.

Nada de ilha cercada de gente por todos os lados.

Nada de conviver com as pessoas

E depois descobrir que não tem amizade a ninguém

Nada de ser como o tijolo que forma a parede,

Indiferente, frio, só.

Importante na escola não é só estudar,

não e só trabalhar,

É também criar laços de amizade,

É criar ambiente de camaradagem,

É conviver, é se amarrar nela

Ora, é lógica...

Numa escola assim vai ser fácil

Estudar, trabalhar, crescer;

Fazer amigos, educar-se,

Ser feliz!

(Paulo Freire, 2010)



Agradecemos de forma especial às docentes da EMEF Aracê pela parceria nessa empreitada formativa. À família por todo apoio e incentivo. Ao Instituto Federal do Espírito Santo, em especial aos docentes e discentes do Programa de Pós-Graduação em Ensino de Humanidades.



Os autores



Sabrina Stein

É graduada em Pedagogia, especialista em Educação e Mestre em Ensino de Humanidades (IFES). Professora do Ensino Fundamental I pelos municípios de Domingos Martins e Venda Nova do Imigrante. Pesquisa sobre a formação de professores do campo e práticas docentes.

E-mail: sabrinastein03@gmail.com

Charles Moreto

É Doutor e Mestre em Educação pelo Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Professor Pesquisador do Programa de Pós-Graduação do Mestrado Profissional de Ensino em Humanidades do Instituto Federal do Espírito Santo. PPGEH/IFES. E-mail: charlesmoreto@gmail.com



As professoras cursistas/colaboradoras:



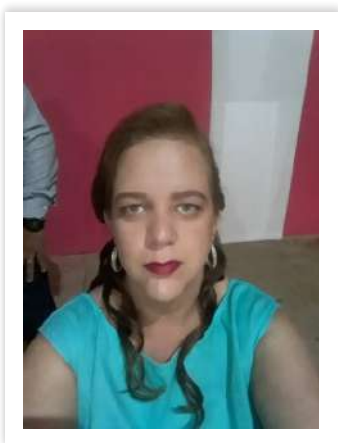
Adriana Avanci Gomes é pós-graduada em Língua Portuguesa pelas Faculdades Integradas SIMONSEN. Licenciada em Letras-Português/Literatura pela FAFI – Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Madre Gertrudes de São José, Cachoeiro de Itapemirim. É pedagoga da EMEF Aracê.

Dilceia Martins Amorim Guarnier é pós-graduada em Alfabetização e Letramento pela Faculdade São Francisco. Licenciada em Pedagogia pela Faculdade de Educação Regional Serrana e pós-graduada em Alfabetização e Letramento pela Faculdade São Francisca. É professora da EMEF Monforte, pelo município de Conceição do Castelo.



Franceleide Maria Zeferino Monhol é licenciada em Pedagogia pela Universidade de Uberada – UNIUBE e estudante do curso Licenciatura em Geografia pela UNIMES. É professora na rede estadual do Espírito Santo.

Lidiane de Fátima Uliana é pós-graduada em Educação Profissional pelo Instituto Federal do Espírito Santo – IFES. É Licenciada em Licenciatura e Bacharelado em Educação Física pela Faculdades Integradas Espírito-Santenses –FAESA. É diretora na EMEF Aracê.



Simone dos Santos Trabach é licenciada em Pedagogia pela Universidade de Uberaba – UNIUBE. É professora das séries iniciais na EMEF Aracê.

A professora formadora:

Rosania Kalk Plaster é pós-Graduada em Arte-Educação e Educação Inclusiva. Licenciada em Artes Visuais na EAD-Universidade Federal do Espírito Santo UFES. É docente na EMEF Augusto Peter Berthold Pagung e na EMPEF Fazenda Schwambach, ambas localizadas no distrito de Melgaço, em Domingos Martins/ES.



Apresentação

Esse material educativo faz parte da pesquisa intitulada “**Formação de professores do campo em tecnologias digitais por meio do letramento digital, coletividade e emancipação no ensino fundamental**” na linha de pesquisa “Formação de Professores”, do Programa de Pós Graduação em Ensino de Humanidades (PPGEH), do curso de Mestrado Profissional em Ensino de Humanidades, do Instituto Federal do Espírito Santo – IFES, campus Vitória, sob a orientação do Prof. Dr. Charles Moreto.

Ele tem como objetivo colaborar com as práticas pedagógicas de professores e professoras, para que possam fazer o entrelaçamento entre a tecnologia digital para o ensino e a educação do campo de modo a auxiliar o processo de ensino e aprendizagem, de modo a adquirir um letramento digital a partir do uso da tecnologia.



Esse **Caderno de Formação** foi validado pelas professoras que participaram do curso “**Tecnologias Digitais para o ensino na Educação Básica do Campo**” ocorrido entre os meses de fevereiro e julho de 2019, com carga horária de 80h.

Para que o objetivo da pesquisa fosse alcançado, realizamos uma investigação sobre as tecnologias digitais para o ensino e sua utilização na educação do campo. O estudo contribuiu para a elaboração de um material que possibilitasse dialogar sobre algumas tecnologias digitais para o ensino, direcionando essa aprendizagem para as práticas pedagógicas na educação do campo.

Destacamos que a utilização do **girassol** no decorrer de todo esse trabalho se dá porque essa flor é o símbolo da Educação do Campo, pois representa a vitalidade e força dos povos campesinos que preservam saberes tradicionais, se constituindo como fonte de inspiração para os professores do campo, que, no ato educativo, preservam os costumes e tradições da comunidade local.

Boa leitura!
Os autores



Introdução

O material educativo como produto é um elemento importante para os mestrandos profissionais na área de ensino. Por essa razão, elaboramos um e-book com o objetivo de contribuir para o debate acerca do uso das tecnologias digitais para o ensino em práticas educativas nas escolas do campo.

A proposta do material é possibilitar um entendimento acerca da importância de uma formação continuada que faça o entrelaçamento entre esses dois aspectos. Para sistematizar o e-book, dividimos o texto em algumas partes que nos ajudarão a compreender melhor como se deu essa prática.

Ao pensarmos em cada capítulo desse material, resolvemos trabalhar com os elementos ligados ao solo, por isso, realizamos o plantio de várias sementes de **girassol** e acompanhamos seu processo de desenvolvimento e crescimento para nos fazer pensar e refletir sobre a evolução da planta.



Plantar **girassóis** foi uma tarefa muito importante para esse trabalho, porque nos ajudou a observar o crescimento de uma planta e nos percebermos nesse processo de desenvolvimento, porque, assim como a planta ao receber luz solar, água e adubo se desenvolveu, cresceu e produziu flores, assim também somos nós, que ao nos apropriarmos do conhecimento, nos formamos enquanto sujeitos.

Diante disso, esse **Caderno de Formação** está organizado da seguinte forma:

No capítulo I intitulado **“O solo que nos acolhe”** trazemos a história de Domingos Martins, município na qual a instituição está situada, bem como a história da EMEF Aracê, que é o lócus dessa pesquisa.

Já no capítulo II **“Lançando sementes ao solo”** trouxemos parte do referencial teórico que perpassou os estudos sobre a Educação do Campo e a formação de professores campesinos no município de Domingos Martins/ES.



No capítulo III **“Em solo fecundo germina a semente”** apresentamos as tecnologias digitais para o ensino dentro do percurso formativo do curso realizado com as professoras da EMEF Aracê. E no capítulo IV **“A semente cresce e produz...flores!”** apresentamos as práticas realizadas pelas professoras a partir do que aprenderam durante a realização do curso.

Em **“Lançando novas sementes”** expressamos nossos sentimentos de que esse material não se esgote, seja apenas uma possibilidade para que professores campestinos possam encontrar aqui um encorajamento para acrescentar novas possibilidades de recursos a serem utilizados no processo de ensino e aprendizagem, tendo a coragem de lançar as sementes na certeza de que um dia, produzirão frutos!

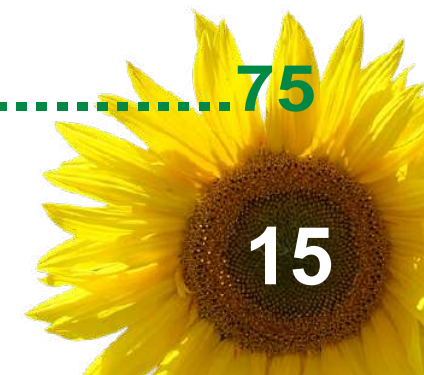
Salientamos que esse material educativo recebeu a contribuição das professoras participantes do curso, acontecendo de modo colaborativo, tendo como pressupostos a concepção freiriana de que por meio do diálogo, construímos nosso saber.

Finalizando, expressamos aqui que esse material educativo não é um manual ou guia, mas sim, uma possibilidade de trabalho com a temática proposta, que pode ser ressignificada pelos professores campestinos em sua prática docente, visando a ampliação de experiências educativas junto aos estudantes campestinos.



Sumário

Apresentação	10
Introdução	12
<i>Capítulo 1 - O solo que nos acolhe</i>	<i>16</i>
<i>Capítulo 2 - Lançando sementes ao solo</i>	<i>24</i>
<i>Capítulo 3 - Em solo fecundo germina a semente</i>	<i>35</i>
<i>Capítulo 4 - A semente cresce e produz...flores!!!</i>	<i>54</i>
Lançando novas sementes	73
Referências	75



Capítulo 1

O solo que nos acolhe





***Fig. 1 - Escola Municipal de Ensino Fundamental Aracê.
Fonte: Arquivo da pesquisadora, 2019.***



A **Escola Municipal de Ensino Fundamental Aracê** está situada no município de Domingos Martins, que está localizado na região serrana do estado do Espírito Santo e fica a 43km de Vitória, que é a capital do estado. Tem sete distritos: Aracê, Biriricas, Melgaço, Paraju, Ponto Alto, Santa Isabel e Sede, tendo como área territorial 1.229,210km², com densidade demográfica de 25,99 hab/km² (IBGE, 2010).



Fig. 2 – Mapa político de Domingos Martins.
Fonte: Comunicação Prefeitura Municipal de Domingos Martins, 2019.



Ainda de acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas (IBGE), Domingos Martins possui uma população estimada para 2019 de 33.850 habitantes, sendo que 89% da população vivem na área rural e 11% em área urbana (IBGE, 2010).

O município foi colonizado por imigrantes alemães, pomeranos e italianos a partir do ano de 1847. Ao se fixarem foram formando colônias: Santa Isabel foi a primeira colônia alemã do Espírito Santo. Já os pomeranos estabeleceram colônia em Santa Leopoldina e Melgaço e os italianos subiram a serra e se fixaram em Aracê (FREITAS, 2013).

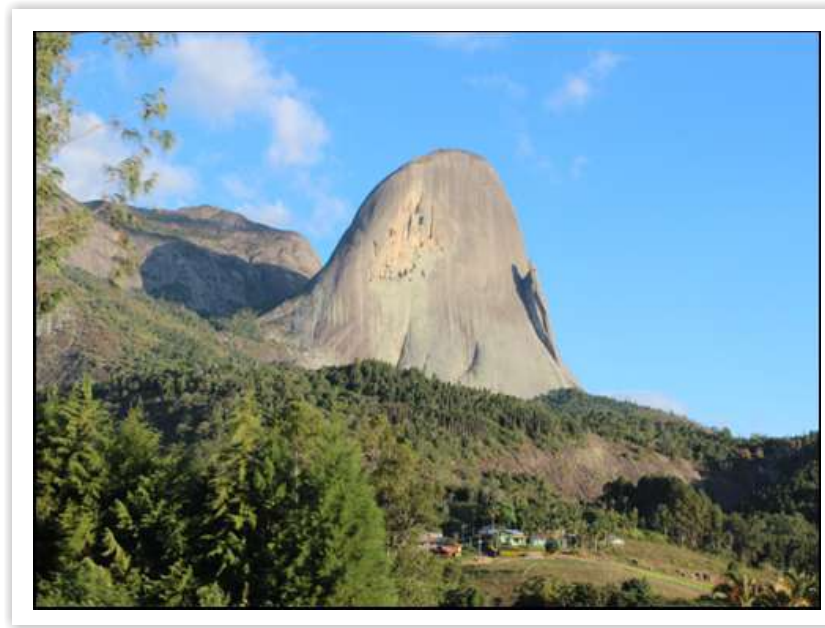


Fig. 3– Portal de Domingos Martins/ES.
Fonte: Arquivo da pesquisadora, 2019.



No que se refere aos aspectos geográficos, o município tem relevo acidentado e montanhoso, com um clima que varia de acordo com a região, pois Aracê e Melgaço apresentam clima mais frio.

É um local de grande atrativo turístico devido a natureza preservada, na qual encontramos a Mata Atlântica, além de ter uma produção agrícola bem diversificada com plantações de milho, feijão, café, morango, hortaliças, entre outros produtos agrícolas, já que a base da economia vem das atividades ligadas à agricultura familiar.



***Fig. 4 – Parque Estadual da Pedra Azul.
Fonte: Arquivo da pesquisadora, 2019.***



Conhecendo um pouco da EMEF Aracê

Toda semente precisa ser acolhida em um solo fértil para poder germinar. Nós, como professores, somos sementes que foram acolhidas em um solo chamado de **Escola Municipal de Ensino Fundamental Aracê** que está situada no município de Domingos Martins, localizada na região serrana do estado do Espírito Santo, no km 87 da BR 262, distrito de Aracê.



Fig. 5 - Vista aérea da EMEF Aracê e de seu entorno.
Fonte: Google Maps, 2019.



Cada um de nós somos sementes e, a partir de nossa trajetória, vamos crescendo, um pouco a cada dia.

A comunidade onde a escola está situada foi sede do povoamento da região de Pedra Azul, na qual funcionavam o cartório, a igreja e o comércio, onde ambos ficavam próximos a escola atual. A instituição foi fundada em 1935, funcionando ao lado da primeira canônica (casa onde o padre se hospedava para celebrar missas na comunidade católica), mudando de um local para outro, até a sua construção definitiva, sendo inaugurada em 27 de março de 1962 (FREITAS, 2012).

Devido ao aumento do número de alunos e alunas, a comunidade campesina ganhou a oportunidade de ter um prédio novo, que foi inaugurado em 28 de agosto de 2011, com oito salas amplas, um refeitório, um pátio com campo de areia, uma sala de professores, uma sala de pedagogo, uma secretaria, uma sala de direção, uma cozinha com despensa para alimentos, um depósito, além de banheiros masculino e feminino amplos para atender aos estudantes, contando com um banheiro para deficiente físico.

Ela atende em sua maioria, alunos que são filhos de pequenos e médios proprietários rurais, colonos e meeiros, que tem sua fonte de renda proveniente das atividades agrícolas.





Contudo, também recebe alunos e alunas em que os pais trabalham no comércio na localidade de Pedra Azul e algumas famílias que desenvolvem atividades ligadas ao agroturismo.

A EMEF Aracê atendeu no ano de 2018 um total de 300 alunos, compreendendo as etapas do ensino desde a Educação Infantil de quatro e cinco anos, bem como o Ensino Fundamental I e II. Para isso, conta com o apoio de vinte e cinco professores, duas merendeiras, duas serventes, uma pedagoga, uma secretária e uma diretora.

Ao se iniciar um trabalho formativo nessa instituição, é imprescindível compreender todo o percurso formativo para que a escola assumisse sua identidade campesina, por isso, no próximo capítulo iremos apresentar um pouco dessa formação continuada em educação do campo.



Capítulo 2

Lançando sementes ao solo



**Fig. 6 e 7 – Formação continuada de professores do campo em Domingos Martins.
Fonte: Assessoria de Comunicação da Prefeitura Municipal de Domingos Martins, 2017.**

Quando falamos em Educação do Campo, precisamos saber que esse conceito, vem sendo construído através de práticas sociais que são frutos das lutas dos trabalhadores do campo que procuram, por meio dos movimentos sociais, lutar por uma educação que considere as especificidades do campo, evidenciando que esse espaço é diferente do urbano, justamente porque tem suas particularidades.

No dicionário da Educação do campo, Caldart (2012) afirma que o surgimento da expressão *Educação do campo* nasceu no auge da preparação para a I Conferência Nacional por uma Educação Básica do Campo, que aconteceu entre os dias 27 a 30 de julho de 1998, em Luziânia, Goiás, sendo oficialmente empregada nas discussões do Seminário Nacional que foi realizado de 26 a 29 de novembro de 2002, em Brasília, sendo reafirmada na II Conferência Nacional realizada em julho de 2004.

Antes do surgimento dessa concepção, no Brasil havia a predominância da educação rural, que tem seus primeiros registros em 1889, com a Proclamação da República. O principal objetivo era atender aos estudantes da área rural e minimizar um pouco o êxodo rural, já que muitas famílias estavam migrando para a cidade a procura de trabalho, sendo necessário garantir uma educação para a permanência do homem do campo na zona rural (RIBEIRO, 2012).



De acordo com Ribeiro (2012), a educação rural era uma educação que não tinha nenhum interesse em adequar à realidade camponesa a escola, pelo contrário, era uma reprodução da educação urbana, destinada a oferecer conhecimentos elementares de leitura, escrita e operações matemáticas simples, pois, acreditava-se que essa aprendizagem era o suficiente para as populações do campo.

A educação rural funcionou

[...] como um instrumento formador tanto de uma mão de obra disciplinada para o trabalho assalariado rural quanto de consumidores dos produtos agropecuários gerados pelo modelo agrícola importado. Para isso, havia a necessidade de anular os saberes acumulados pela experiência sobre o trabalho com a terra, como o conhecimento dos solos, das sementes, dos adubos orgânicos e dos defensivos agrícolas (RIBEIRO, 2012, p. 299).

Por isso, deu-se início a uma luta realizada pelos movimentos sociais ligados aos camponeses para que essa visão preconceituosa do campo de um local atrasado fosse rompida.

Diante disso, surge na década de 1960 atores importantes para iniciar a construção da educação do campo no Brasil, assim surgem:

[...] os movimentos sociais organizados, tais como [...] os sindicatos, as Federações de Trabalhadores e a Confederação das ligas camponesas e a ação pastoral de bispos da Igreja Católica, os Centros Populares de Cultura (CPC) e, mais tarde, o Movimento de Educação de Base (MEB) e os Círculos de Cultura Popular de Paulo Freire (PIRES, 2012, p. 88).

Todos esses movimentos foram fundamentais para que os povos camponeses fossem respeitados em suas peculiaridades.

Por isso, todos aqueles que moram em determinada realidade camponesa como quilombolas, camponeses, indígenas, pescadores, caiçaras, peões, lavradores, posseiros, sem terra, roceiros, sertanejos, entre outros (POLETO OLIVEIRA, 2013), que, ao estarem ligados a diversos movimentos sociais, lutam por uma educação que seja do/no campo, de modo a evidenciar que os trabalhadores do campo precisam também de uma educação de qualidade (CALDART, 2012).

Assim, nos dias atuais, busca-se a construção de uma educação do campo que possa estar cada vez mais próxima dos trabalhadores camponeses, de modo que suas necessidades e realidades sejam utilizadas como meio de proporcionar um trabalho pedagógico voltado para a valorização desses povos que querem seus direitos garantidos por meio da prática social, mas que esses possam se efetivar por meio da educação.

Essa concepção de educação do campo rompe com a educação rural, pois enquanto a última sempre procurou a formação do trabalhador rural, de modo que esse fosse treinado para as atividades agrícolas, a educação do campo vai além, ela leva para dentro da escola, para a construção do projeto político-pedagógico os saberes camponeses, porque a comunidade é ouvida e suas lutas reconhecidas (MOLINA; SÁ, 2012).



Caldart (2012, p. 259) diz que a educação do campo é

[...] um fenômeno da realidade brasileira atual, protagonizado pelos trabalhadores do campo e suas organizações, que visa incidir sobre a política de educação e os interesses sociais das comunidades camponesas.

Isso evidencia que sua construção e constituição acontece por meio de lutas protagonizadas por trabalhadores e trabalhadoras do campo e suas organizações sociais, podendo se dá nos espaços educativos e nas formações continuadas.



Fig. 8 – Seminário de Educadores em Domingos Martins.
Fonte: Comunicação Prefeitura Municipal de Domingos Martins, 2016.



Ainda falando sobre o conceito de Educação do Campo, Gerke de Jesus (2014, p.45) assim define:

A Educação do Campo é um projeto pautado no diálogo, na aprendizagem coletiva, na construção das parcerias, que desafia e envolve pessoas. Para além de um conceito ou projeto em evidência, como temos discutido atualmente, a Educação do Campo é um projeto genuinamente , instituinte, que nasce como desassossego dos povos do campo, que denuncia as negligências vividas por docentes e alunos, esses segregados de políticas que os reconheçam como sujeitos. Uma educação que discute o território como espaço da cultura, da produção de saberes, onde a terra é respeitada como fonte de vida e não de exploração.

Evidenciando que por meio de parcerias e diálogos permanentes, podemos construir um trabalho pautado nos princípios do respeito as especificidades do meio campesino, valorizando seus sujeitos.

Esse percorrer formativo para compreender as especificidades do campo nesse município começou a partir de uma inquietação que surgiu com a publicação do decreto 7.352, de 04 de novembro de 2010 que dispõe sobre a política da Educação do Campo e do Programa Nacional de Educação e Reforma Agrária (Pronea), na qual iniciou-se toda uma discussão para buscar a garantia dos direitos para os povos campestinos (NICKEL, 2018).

O salto inicial começou com a oferta do curso de extensão em Educação do Campo pela Universidade Federal do Espírito Santo – Ufes no ano de 2007 e posteriormente, em 2010, com a oferta da especialização em Educação do Campo pelo Programa de Pós-Graduação da Ufes.

Essa especialização se deu por meio da parceria entre a Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade (Secad), oferecida na modalidade à distância.

Esses dois cursos foram muito importantes pois, os profissionais do município começaram a estudar os temas que envolviam a educação campestina que, até o momento era pouco discutida e até desconhecida por boa parte dos professores e professoras da rede municipal (NICKEL, 2018).

Outro marco importante que foi fundamental para a efetivação da formação continuada dos professores campestinos da rede municipal de educação de Domingos Martins foi a criação do Centro de Pesquisa, Apoio Pedagógico e Formação de Profissionais da Educação pela Lei nº 2.102, de 03 de julho de 2008, que, desde sua criação, procurou contribuir com a prática docente dos profissionais do município.

Para que essa formação ganhasse forma, mediante as parcerias que já existiam com a universidade e por meio de discussões, a equipe do Centro de Pesquisa, Apoio Pedagógico e Formação de Profissionais da Educação, como nos diz Nickel (2018) percebeu a necessidade de dialogar com os professores da rede para que, num exercício de escuta, pudessem observar e perceber o que realmente era preciso conhecer e estudar sobre a temática campestina.



Como nos ajuda a entender Nickel (2018, p. 83) dizendo:

Em Domingos Martins, no decorrer dos anos, conforme a temática a ser abordada, a metodologia também foi alterada e os temas foram definidos de acordo com a demanda apresentada pelos professores. Por esse motivo, destacamos que, apesar de haver a mesma orientação para a realização dos trabalhos nas escolas, estas não eram padronizadas, porque os temas eram definidos a partir dos diálogos que estabelecíamos com os professores ao fim de cada ano letivo em que, por meio de uma avaliação, indicavam a temática que desejavam estudar no próximo ano. A cada ano, sempre estávamos abertos a realizar uma formação continuada que fosse ao encontro das expectativas dos professores.

Por meio desse excerto, observamos que a formação continuada em Domingos Martins, parte do princípio da dialogicidade defendida por Freire (2016), pois, para que os temas de estudo fossem definidos, sempre procurou-se ouvir o que os professores ansiavam aprender, nada era imposto.

Além de que, cada escola, no coletivo, discutia os temas de estudo e, mediante as aprendizagens, traçava caminhos para que houvesse a construção da identidade escolar e a valorização dos saberes dos camponeses.



Essa formação contou com o apoio e a contribuição de vários sujeitos como “[...] professores mediadores, professor formador (indicado por membros do Grupo de Pesquisa (CNPQ), Culturas, Parcerias e Educação do Campo, da Ufes)” (NICKEL, 2018, p. 84), além de que, no ano de 2014, iniciou-se a produção do Documento Curricular, que contou, como nos diz Nickel (2018) com uma Equipe Sistematizadora composta por representantes da educação infantil, anos iniciais e anos finais do ensino fundamental, além de uma equipe formadora composta pelos membros internos da equipe pedagógica da Secretaria de Educação e Esporte – Secedu, tudo isso para que realmente a formação se efetivasse e mantivesse o caráter de continuidade.



***Fig. 9 – Fotografia: Grupo de mediadores do ano de 2011 com a Pr^a Ms. Maria Hermínia.
Fonte: Centro de Pesquisa, Apoio Pedagógico e Formação dos Profissionais da Educação, 2010.***

Diante de toda essa prática aqui elencada, é notório que os profissionais da rede municipal de educação do município estão envolvidos nas temáticas que envolvem a educação do campo, de modo que suas práticas pedagógicas estejam voltadas para aliar o currículo a realidade escolar. Tudo isso se dá de modo colaborativo, onde professores e equipe formadora discutem as especificidades do campo, discutindo o currículo, ampliando os saberes.



Fig. 10 – Formação continuada de professores do campo em Domingos Martins.
Fonte: Assessoria de Comunicação da Prefeitura Municipal de Domingos Martins, 2017.



Com isso, é preciso reconhecer que processos de interação e comunicação no ensino “[...] sempre dependeram muito mais das pessoas envolvidas no processo, do que das tecnologias utilizadas, sejam o livro, o giz ou o computador e as redes” (KENSKI, 2008, p.9).

Quando nos referimos à tecnologia digital, essa não vem

“[...] para substituir a figura do professor, mas surge como um meio para mediar o processo de ensino e aprendizagem, necessitando uma mediação pedagógica pelos educadores, que, precisam, por meio de formação continuada, troca de experiências e até mesmo posicionamento político e emancipador, possibilitar aos alunos essa aprendizagem por meio de novas possibilidades de aprender (KENSKI, 2008)”.

Segundo Souza (2016), as tecnologias devem motivar a interação entre as pessoas, de forma crítica e reflexiva, porém, se essa for utilizada de modo alienador, que só reproduz algo, a mesma não traz nenhuma inovação, muito menos contribui para a transformação da realidade.

As variadas informações que encontramos com facilidade na internet, necessitam ser transformadas em conhecimentos, porém é necessário um trabalho crítico, que exige discussão e determinação, justamente para que os saberes sejam reconstruídos e reelaborados de acordo com o interesse dos indivíduos.

Assim, apresentamos no próximo capítulo a formação realizada na EMEF Aracê.

Capítulo 3

Em solo fecundo germina a semente



Quantas sementes foram lançadas e como elas germinaram!

As formações na qual muitos professores participaram foram fundamentais para que as práticas pedagógicas estivessem voltadas para a formação da identidade escolar e para a valorização dos estudantes camponeses.

Diante disso, as sementes recebidas e lançadas ao solo começaram sua germinação e crescimento, porém, sempre é preciso participar de novas discussões para que elas cresçam com mais vigor. Assim, observamos que uma das ferramentas que podem ser utilizadas para facilitar o processo ensino e aprendizagem são as tecnologias digitais para o ensino.

Como nos diz Kenski (2008) elas são ferramentas que possibilitam aos indivíduos uma interlocução, de modo a aproximar as pessoas a interagirem umas com as outras e em especial, no campo da educação, como forma de ensinar e aprender. Elas podem “[...] libertar ou dominar, manipular ou esclarecer, e é vital que os professores ensinem seus alunos a usar e analisar criticamente essas ferramentas” (SOUZA, 2016, p. 117).



A tecnologia, por si só, não revoluciona o ensino, mas quando ela é utilizada pelo docente como mediadora do conhecimento, essa proporciona uma aprendizagem significativa para os estudantes, podendo revolucionar todo o ato de aprendizagem.

Os estudos procuraram fazer um entrelaçamento entre a educação do campo e as tecnologias digitais para o ensino numa perspectiva de letramento digital, de modo que toda a aprendizagem possa ser utilizada para que o professor faça uso dessas ferramentas ao organizar suas aulas e distribuir os conteúdos a serem estudados.

Para início do curso, resolvemos utilizar os saberes da Pedagogia da Alternância, que se caracteriza por ser um projeto voltado para as populações camponesas, de modo a promover, por meio de uma formação que consiste em períodos alternados de vivência e estudo na escola e na família, sendo acompanhados pelos monitores e pais, de modo que os conhecimentos vivenciados na escola tenham relação com o meio social do aluno (GERKE DE JESUS, 2011).



Como a dinâmica de trabalho na Pedagogia da Alternância trabalha uma metodologia que leva em consideração os sujeitos e seus contextos sócio-históricos, resolvemos utilizar dois elementos: o *Plano de estudo* e a *Colocação em Comum*.

Iniciamos o **primeiro dia da formação** construindo coletivamente o Plano de estudo, que é uma ferramenta que consiste no levantamento de questões pertinentes na escola no que se refere ao uso das tecnologias digitais para o ensino.

Essa atividade provocou nas cursistas a oportunidade de pensar o espaço escolar na qual está desenvolvendo seu trabalho pedagógico, de modo a ouvir o que os demais pensam, proporcionando assim uma reflexão sobre o tema em estudo.

Quando falamos em alguma tecnologia, muitos professores não conhecem todas as ferramentas, por isso precisam de formação, para utilizarmos essas ferramentas com competência, inserindo-as em nossa prática pedagógica.

A tecnologia precisa ter como meta a dimensão humana, pois cada estudante é diferente do outro, por isso, mesmo fazendo uso das tecnologias precisamos levar em consideração o aspecto humano, pois nem todos tem acesso, mas todos podem ter por meio do direcionamento do professor.



Ao final, depois das discussões e compartilhamento de saberes, o Plano de estudos ficou assim:

1- Que é tecnologia para mim?

2- O que ainda preciso aprender sobre tecnologia?

3- Qual a função da tecnologia e como utilizá-la em sala de aula?

*4- Faço uso de ferramentas tecnológicas na minha prática pedagógica?
Em caso afirmativo, quais ferramentas utilizo?*

*5 - Faço uso da tecnologia na sala de aula de modo a considerar os
saberes dos alunos na prática pedagógica? Em caso afirmativo, como?*

*6- Qual (is) desafio (s) encontro em relação ao uso da tecnologia em sala
de aula?*

7- Tenho possibilitado o contato do aluno com a tecnologia? Como?

É importante ressaltar que esse Plano de estudo é característica desse grupo de professoras, que, por meio de uma conversa compartilhada, conseguiram se perguntar o que as inquieta, fazendo um movimento de reflexão.



Para isso, os professores precisam estar em constante formação para que as tecnologias se tornem aliadas no processo de ensino e aprendizagem, exigindo dos participantes empenho e determinação para verem nessas ferramentas uma possibilidade de mudança no ensino.

Como forma de contribuir e proporcionar uma formação que possibilite ao professor aprender um pouco mais sobre as tecnologias digitais para o ensino, resolvemos empreender o curso **“Tecnologias Digitais para o ensino na Educação Básica do Campo”**, na qual o cursista teve a oportunidade de participar de encontros presenciais e atividades não presenciais por meio de leituras de textos sobre os temas em estudo, bem como atividades fazendo uso dos programas **Cmap Tools** (possibilita a produção de mapas conceituais) e editores de vídeo.

Acessando o *QR Code* abaixo, você terá maiores informações.



<https://www.ihmc.us/cmaptools>

Para ter acesso ao conteúdo codificado em um QR Code, a pessoa deve primeiro dispor de uma câmera em um smartphone e um programa feito para ler o código bidimensional. Deve-se tirar uma foto da imagem pelo aplicativo que a converte imediatamente. Alguns smartphones já possuem essa funcionalidade, basta posicionar a câmera para o QR Code a leitura será realizada!



Através desse momento, conversamos que é possível fazer uso das ferramentas tecnológicas de forma positiva, podendo fazer uso do celular para registro de fotos e montagem de vídeos, exposição de fotos, refletindo sobre a realidade, enfim, são muitas possibilidades que precisamos explorar, porém é preciso formação.



***Fig. 11 – Momento de discussão e troca de experiências na produção do Plano de Estudos.
Fonte: Arquivo da pesquisadora, 2019.***

Para terminar esse primeiro encontro, trazemos como reflexão as palavras de Milton Nascimento em um trecho da música *Cio da Terra* (1977), reforçando que é fundamental conhecer os desejos e os saberes de cada sujeito que aqui se apresenta, de modo que juntos possamos pensar nas formas de “fecundar” o solo da escola que pisamos todos os dias.

*Afagar a terra
Conhecer os desejos da
terra
Cio da terra, propícia
estação
E fecundar o chão...*



<https://bit.ly/2X6uHVJ>

Acesse o QR CODE da música *Cio da Terra* acima e a veja na íntegra!

No **segundo dia da formação** iniciamos a produção da Colocação em Comum, que seria um texto síntese, produzido de forma coletiva, a partir das respostas do Plano de Ensino que produzimos no encontro anterior. Esse texto tem como objetivo compartilhar as experiências da prática pedagógica, nos fazendo conhecer a realidade na qual estamos inseridos, nosso “solo” que é a EMEF Aracê.

Explicamos que o objetivo da Colocação em Comum é perceber quais assuntos precisam ser melhor trabalhados no decorrer do curso, de modo a trazer ao grupo mais conhecimento, sendo assim um direcionamento, pois ele nos trará uma percepção do que sabemos e do que ainda precisamos explorar, além de nos fazer refletir sobre o que nos inquieta em relação às tecnologias digitais para o ensino e a educação do campo.

Foram lidas as perguntas e cada professora leu as respostas oralmente. Após todos compartilharem suas respostas, fomos elaborando os parágrafos do texto Colocação em Comum.

Essa produção textual foi um grande desafio, pois foi preciso pensar o que cada uma apresentou, mas observamos que a produção desse texto coletivo foi muito importante porque ele retratou a escola como ela é e nos possibilitou conhecer melhor a realidade escolar e pensarmos a tecnologia no ato educativo.



Após a troca de experiências o texto ficou assim:

A tecnologia é uma ferramenta que pode ser utilizada em diversas situações, como: no trabalho, lazer, cotidiano e prática pedagógica, trazendo informações disponíveis que possibilitam inovação, rapidez, conhecimento e habilidade.

Ela está em constante mudança e evolução, por isso é muito difícil acompanhar todos esses avanços. Conhecer e fazer o seu uso vem a partir da necessidade pessoal e profissional, como aprender os usos dos editores de apresentação, de texto e de planilhas, edição de vídeos e construção de mapas conceituais, por exemplo.

A tecnologia é uma ferramenta muito importante em sala de aula, pois torna a aprendizagem mais significativa e atraente. O estudante aprende pelo recurso visual, auditivo e tátil. Na sala de aula deve ser usada para diagnosticar o nível de aprendizagem, introduzir, aprofundar e sistematizar um conhecimento, de modo que sejam protagonistas do processo ensino e aprendizagem.

Quanto ao uso das tecnologias, utilizamos o celular para diversas pesquisas, o datashow para execução de vídeos, apresentações, imagens e texto. As professoras relatam que utilizam as tecnologias, mas acreditam que não o suficiente.

Em relação ao uso da tecnologia na sala de aula, de modo a considerar os saberes dos estudantes na prática pedagógica, o grupo apresentou que se realiza um diálogo (lição preparatória) para identificar seus conhecimentos prévios sobre determinado assunto em estudo. A equipe gestora da instituição faz uso nas formações com os profissionais, sempre levando em consideração os conhecimentos que todos possuem. Ao se trabalhar a tecnologia, podemos levar em consideração o conhecimento que os estudantes possuem e também sobre o assunto em estudo, unindo esses dois saberes.

Foram apontados como desafios pelas professoras: aprender a utilizar os recursos tecnológicos que ainda não conhecem; utilizar adequadamente os que se conhecem na prática pedagógica; trabalhar/ensinar os recursos tecnológicos para os estudantes de modo que eles compreendam o porquê do uso daquela ferramenta tecnológica.

Na EMEF Aracê ainda não possuímos laboratório de informática com ferramentas tecnológicas disponíveis para cada estudante. Eles só têm contato quando o professor apresenta por meio do datashow, por exemplo, ou quando a família possui e oportuniza esse acesso.



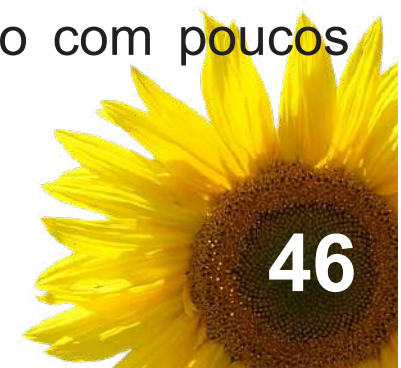
A lição preparatória é aquela que introduz um novo tema. O professor, antes de começar a trabalhar um novo assunto, pede que os alunos leiam previamente sobre o tema. Assim, antes de introduzir o novo conhecimento, ele sonda o que os estudantes já sabem sobre ele.



A construção da Colocação em Comum foi uma atividade muito interessante, pois cada cursista pode expressar sua opinião e a produção do texto nos ajudou na reflexão sobre o uso das tecnologias digitais para o ensino e a educação no campo no local onde a escola está inserida, de modo a inquietar o grupo para a observância de seu uso na prática pedagógica, percebendo aqui a necessidade de um letramento digital como forma de se apropriar cada vez mais das ferramentas tecnológicas que podem vir a ser potencializadoras de nossa prática docente.

No **terceiro dia da formação**, discutimos sobre "Tecnologias digitais para o ensino – conceituação e práticas docentes" e "O uso de editores de vídeo como um recurso pedagógico: conhecendo essa ferramenta", trazendo para o grupo experiências interessantes a respeito da aplicabilidade dessas ferramentas em sala de aula. Nesse momento as professoras cursistas puderam falar suas experiências tirando dúvidas a respeito do tema bem como aprendendo novas formas de utilização desses recursos em sala de aula.

Conversar com uma professora que faz uso das tecnologias em sala de aula foi algo muito interessante, pois evidenciou que é possível sua utilização mesmo com poucos recursos.



Para esse momento, contamos com a presença da professora *Rosania Kalk Plaster* que é formada em Arte e Pedagogia e desenvolve trabalhos relacionados a inserção da tecnologia em sala de aula, de modo a trazer uma forma diferenciada de aprendizagem aos alunos com os recursos que ela tem disponível juntamente com os estudantes.



Fig. 13 – Formação com a professora Rosania Kalk Plaster.
Fonte: Arquivo da pesquisadora, 2019.



A formadora começou sua apresentação falando de um trabalho que ela desenvolveu com uma turma de 9º ano relacionando a tecnologia com obras de arte, assim, começou indagando os alunos para que eles respondessem sobre a relação entre tecnologias e arte e a partir disso, fazendo uso do celular, que era um dos recursos que ela e os alunos possuíam, começaram o trabalho.

Num primeiro momento, foram estudados obras de artes famosas, a importância da fotografia, bem como os períodos artísticos das obras de arte selecionadas e a história da arte. Isso foi muito importante, pois o estudante precisou se apropriar do conhecimento, compreendendo o motivo pelo qual se estudou determinado assunto, bem como o porquê do uso da tecnologia para a aprendizagem.

Assim, observou-se que o saber foi construído e os recursos que foram utilizados vieram ao encontro da realidade dos alunos na comunidade onde vivem. Diante disso, foram realizadas releituras das obras de arte estudadas que resultaram num trabalho muito interessante que foi exposto na escola.

Ela também trouxe a sugestão de trabalho com Avatar, pelo *software* FaceQ, em que é possível baixar programas no próprio celular para o desenvolvimento dessa atividade com os alunos.

A partir de uma temática, os estudantes criam seu próprio Avatar apresentando ali suas aprendizagens, possibilitando até mesmo conhecer melhor o meu aluno, pois ele cria o personagem a partir de como ele se vê e de como vê as pessoas que o rodeia.

Acesse o QR CODE ao lado para conhecer um pouco mais sobre o Software FaceQ!!!



<https://glo.bo/32bSxTR>

Também trouxe a sugestão de trabalho com a técnica *Stop motion*, que consiste em fazer vídeos em câmera lenta a partir de sequência de fotos que ela realizou em diversas turmas a partir de uma determinada temática.

Com os alunos se construiu uma história coletiva e os estudantes utilizaram massinha de modelar para fazer os personagens que depois foram fotografados em várias posições e com a ajuda de um editor de vídeo, se produziu, por meio de sequências de imagens, o vídeo desejado.

Como forma de envolver os professores em uma atividade prática, produzimos uma história sobre o curso, na qual todos se envolveram.



Figs. 14 e 15 – Professores confeccionando os personagens para a técnica *Stop Motion*
Fonte: Arquivo da pesquisadora, 2019.



Após a produção e o registro das fotos, a formadora apresentou a estrutura do **Movie Maker** (programa que ela utiliza para edição de seus vídeos), suas ferramentas e como utilizá-lo. Fomos construindo juntos e por meio da orientação da professora Rosania, criamos um vídeo, inserindo títulos, legendas, mudando o tempo de cada slide. Tudo isso foi orientado para que todos percebêssemos que é possível o uso da tecnologia em sala de aula, porém exige um planejamento adequado e o uso das ferramentas de forma correta para envolver os estudantes nessa aprendizagem. Também foi sugerido que é possível produzir maquetes, enfim, usar várias ideias para fazer essa atividade com os alunos.

Foi um momento de intensas aprendizagens e troca de experiências pois, com essa prática e com o exemplo da formadora, percebemos que é possível o uso da tecnologia em sala de aula, envolvendo os estudantes nessa aprendizagem.

Após todas essas discussões, as professoras foram convidadas a fazer uso do *Cmap Tools* (software utilizado para a construção de mapas conceituais) que servem de auxílio para explicação de conteúdos, tornando as aulas mais dinâmicas. Essa atividade foi realizada no momento não presencial, onde cada cursista deveria envolver os estudantes nesse processo de ensino e aprendizagem.



Ao baixar o *software* em seu computador cada professora escolheu um assunto que estivesse trabalhando em sala de aula e elaborou um mapa conceitual, relacionando a ferramenta com algum conteúdo que estava sendo desenvolvido em sala de aula.

Por meio da troca de experiências, muitas professoras sugeriram fazer o mapa conceitual no papel, em uma construção coletiva, para que os estudantes compreendam seu processo e posteriormente usar o programa *Cmap Tools* para mostrar uma outra possibilidade.

Através dessa prática, é evidente que o uso da tecnologia precisa fazer sentido para ambos os envolvidos no processo educativo, pois professor e aluno se instrumentalizam juntos, sendo assim, um letramento digital.

Foi uma experiência interessante, pois as professoras tiveram que fazer uso dessa ferramenta tecnológica no seu cotidiano, mostrando que, a inserção da tecnologia deve acontecer aos poucos.

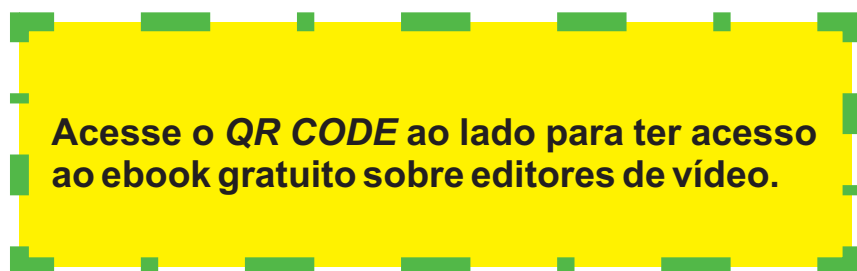
Ao compartilhar a produção com os demais cursistas, foi proporcionado a todos uma troca interessante de saberes, pois toda a aprendizagem passa a ser construída no coletivo, pois juntos todos vamos se formando pela partilha dos conhecimentos, ouvindo como o outro desenvolveu sua aula, sugerindo e aprendendo juntos.



Por meio da formação com a professora Rosania, todos tiveram acesso ao editor de vídeo *Movie Maker* como uma possibilidade de edição de vídeos.

Assim, todos os cursistas foram motivados a produzir um vídeo fazendo uso de algum editor de modo a desenvolver algum trabalho em sala de aula para que essa atividade pudesse ser realizada.

Como o *Movie Maker* é um programa que não possui licença gratuita, sugerimos outros editores para que pudessem ser utilizados por meio do Ebook gratuito **“30 Ferramentas Gratuitas para Criação de Vídeos”** que pode ser baixado no seguinte QR Code:



<http://pxlme.me/SYN5VVKO>

As professoras tiveram a oportunidade de desenvolver trabalhos com essas duas ferramentas, compartilhando a cada encontro suas experiências, podendo fazer sugestões, ajudando nessa construção coletiva.

As sugestões com o uso dessas ferramentas serão apresentadas no próximo capítulo.



Capítulo 4

A semente cresce e produz...flores!!!



Nesse capítulo, queremos trazer sugestões de atividades com o uso dos *softwares Cmap Tools* e editores de vídeo.

Cada atividade apresentada, foi realizada com os estudantes em sala de aula, já que a proposta da formação seria aprender a fazer o uso das ferramentas tecnológicas e utilizá-las na prática docente com os alunos.

Iremos apresentar as sugestões com o uso do *software Cmap Tools* e posteriormente com os editores de vídeo, já que foram atividades realizadas de modo separado.



Fig. 16 – Apresentação cultural da EMEF Aracê.

Fonte: Lidiane de Fátima Uliana, 2019.

Nome: Adriana Avanci Gomes, Lidiane de Fátima Uliana e Simone dos Santos Trabach.

Turma: 5º ano

Conteúdo trabalhado: Higiene e saúde.

Descrição em forma de texto de como aconteceu à atividade e seu desenvolvimento:

A aula iniciou com uma lição preparatória sobre os hábitos de higiene que devemos ter. Depois realizamos a leitura do texto “Hábitos de higiene” retirado do site *www.acessaber.com.br*. Foi realizado a ilustração e interpretação escrita do texto. Para concluir a atividade, foram distribuídos os papéis e montamos o mapa conceitual no chão sobre as questões de higiene e saúde, onde cada aluno ia pensando e escrevendo palavras-chaves que tinham relação com o conhecimento que já possuíam, bem como o que estavam aprendendo por meio da leitura do texto “Hábitos de higiene”.

Depois utilizamos o computador e construímos o mapa conceitual, através do aplicativo *Cmap Tools*, previamente instalado. Essa atividade foi bastante interessante, pois por meio dela, os estudantes conseguiram assimilar bem o conhecimento, sendo um momento diferente em sala de aula, já que os mesmos não conheciam o que era um mapa conceitual e se apropriaram desse saber.

Nome: Dilceia Martins A. Guarnier

Séries: 3º e 4º ano

Conteúdo que foi trabalhado: História da Rota Imperial

Tema da aula: Rota Imperial

Descrição em forma de texto de como aconteceu a atividade e seu desenvolvimento

Como um dos conteúdos que estava sendo desenvolvido com os alunos era o estudo da Rota Imperial, decidi, realizar previamente um mapa conceitual usando o *software Cmap Tools* para apresentar o assunto aos alunos, pois ele é muito extenso.

Esse assunto foi previamente selecionado para a escola campesina em que leciono, a Escola Municipal de Ensino Fundamental Monforte que fica no município de Conceição do Castelo/ES, como forma de apresentar aos estudantes conhecimentos que perpassam a história do município, já que estávamos comemorando o aniversário de sua criação.

Para iniciar o trabalho, a professora, juntamente com os alunos visitamos o marco da Rota imperial para iniciarmos os diálogos sobre o tema. Ao chegar em sala de aula, foi apresentado o mapa conceitual, reproduzindo-o no quadro, para que os alunos acompanhassem o processo de produção textual. Expliquei o que era e o objetivo ao utilizá-lo.

É importante ressaltar que esse mapa não estava pronto e acabado, ele possuía ideias principais sobre o tema e de acordo com as explicações, com as discussões realizadas, de maneira coletiva, todos íamos pensando e contribuindo com mais palavras-chaves para aprofundar o conhecimento.

Cada aluno registrou ao final da atividade o mapa conceitual em seu caderno e como escriba, utilizando o *software Cmap Tools*, reproduzi no programa o que os alunos haviam construído coletivamente. Esse foi impresso e exposto no *stand* da escola nas comemorações do dia do município para que toda a comunidade pudesse conhecer os trabalhos desenvolvidos nas escolas municipais.

Foi uma atividade muito prazerosa, pois, os alunos puderam conhecer uma nova forma textual e também terem acesso a uma tecnologia, mesmo que somente visualizando no meu computador.

Infelizmente, a escola não possui sala de informática com computadores disponíveis para os estudantes, pois se assim tivesse, muitas outras estratégias de ensino poderiam ser utilizadas. Mas, ao aprender a fazer uso do mapa conceitual, posso adaptar essa atividade com meus alunos e possibilitar aulas mais prazerosas e atrativas a todos.



Nome: Franceleide Maria Zeferino Monhol

Série: 4º ano

Conteúdo que foi trabalhado: Ortografia

Tema da aula: O uso do por que, porque, por quê e porquê/ mas, mais, más/ mal, mau.

Descrição em forma de texto de como aconteceu a atividade e seu desenvolvimento:

Para iniciar a aula, foi apresentado aos estudantes o que era um mapa conceitual e qual o objetivo em utilizá-lo. Para isso, utilizei o computador e o datashow para projetar os exemplos de mapas conceituais já prontos, evidenciando para os alunos que é uma forma textual que pode ser usada para apresentar ideias em forma de palavras-chaves.

Como já havia discutido e trabalhado com os alunos o uso do por que, porque, por quê e porquê/ mas, mais, más/ mal; mau, solicitei que cada um deles montasse em grupo, utilizando um cartaz, um mapa conceitual a respeito das ortografias estudadas, para que exercitassem a capacidade de escolher as palavras-chaves que representariam cada categoria de palavras que estavam estudando.

Os alunos foram orientados durante todo o processo pois era uma atividade diferente para cada um deles, mas o fato de estarem em grupo facilitou a aprendizagem coletiva.



Ao final, cada grupo apresentou seu mapa conceitual aos demais colegas e discutimos a atividade, de modo que cada aluno pudesse visualizar as ideias do outro e aprender com isso. Como a escola não dispõe de um computador para cada aluno, utilizando o *software Cmap Tools*, que possibilita a construção de mapas conceituais, me coloquei como escriba para reproduzir o que os alunos já haviam realizado.

O uso das tecnologias deixa as aulas atrativas e interessantes, mas infelizmente não temos uma sala de informática para que os estudantes utilizem efetivamente. Para o professor essas tecnologias são ótimas ferramentas para levar o conteúdo para a sala de aula, tornando as aulas mais prazerosas e atraentes aos alunos que se entusiasmam mais para aprender, já que é algo diferente do cotidiano deles.

Toda tecnologia que utilizo aprendi na necessidade do trabalho. Esse curso me ensinou a utilizar o mapa conceitual, que se tornou uma ferramenta para o meu trabalho e também para os meus estudos, já que estou cursando uma segunda licenciatura.



Nome: Adriana Avanci Gomes, Lidiane de Fátima Uliana e Simone dos Santos Trabach.

Descrição em forma de texto de como aconteceu às atividades e seu desenvolvimento:

A produção do vídeo a partir das imagens foi uma atividade que deu bastante trabalho, pois é preciso baixar um editor de vídeo para poder produzir um vídeo.

Decidimos utilizar as fotografias referentes à ordem de serviço da construção da quadra de esportes da EMEF Aracê, pois foi um evento muito marcante para toda a comunidade escolar, pois alunos e professores puderam apresentar a todos, os trabalhos que estavam sendo desenvolvidos na instituição escolar.

Foi uma noite muito feliz, pois as autoridades do município de Domingos Martins, junto com pais, alunos e funcionários da instituição tiveram a oportunidade de conhecer melhor as atividades desenvolvidas.



A ordem de serviço para o início da construção da quadra foi um acontecimento muito significativo para todos, por isso, para deixar registrado, selecionamos as melhores fotografias, inserimos legendas e adicionamos uma música para produzirmos nosso vídeo.

Dentro de sala de aula, a partir de nosso trabalho pedagógico é possível tirar fotos dos estudantes executando atividades em sala, e depois podemos apresentar em forma de vídeo para os pais.

Podemos também tirar várias fotos do que os alunos produzem em sala de aula a partir do conteúdo trabalhado e depois produzir um vídeo e passarmos para os estudantes, tornando a aprendizagem mais significativa para eles.



Nome: Dilceia Martins A. Guarnier

Séries: 3° e 4°

Conteúdo que foi trabalhado: Leitura do livro: De trás para frente e de cabeça para baixo, de autoria de Claire Alexandrer.

Tema da aula: Releitura do livro “De trás para frente e de cabeça para baixo” fazendo uso da técnica Stop Motion

Descrição em forma de texto de como aconteceu a atividade e seu desenvolvimento:

A proposta dessa aula foi realizar a leitura do livro “De trás para frente e de cabeça para baixo” com os alunos em sala de aula.

Antes da leitura, a professora explorou título, perguntando o que eles achavam que a história iria contar, além de apresentar a autora do livro, de modo que eles pudessem apresentar suas ideias nessa primeira discussão.

Iniciou a leitura e todos ouviram atentamente, ao final conversaram sobre os personagens da história e o que esse livro nos ensina.



Após esse momento de interação e conhecimento da história, foi proposto aos estudantes que recriassem a história por meio de massinha de modelar, onde cada cena do livro seria ilustrada e depois fotografada para a produção de um vídeo por meio da técnica *Stop motion*.

Muitos alunos perguntaram o que era essa técnica e foi explicado a eles que consistia em imagens por meio de câmera lenta. Dividimos as tarefas e cada aluno começou a sua produção como podemos ver nas imagens a seguir.



Fig. 17e 18 - Alunos produzindo os personagens para a história
Fonte: Dilceia Martins A. Guarnier, 2019



Foi uma atividade muito divertida e que envolveu a todos os estudantes, pois eles foram criando as imagens e eu, como professora, foi registrando tudo por meio de fotografias.

Por meio dessa atividade foi possível perceber como os alunos tem potencial para realizar várias atividades, pois foi algo tão prazeroso que eles pediram para que essa atividade fosse repetida.

A produção do vídeo a partir das imagens foi uma atividade que deu bastante trabalho, pois foi preciso se debruçar, aprender as ferramentas que iria usar para produzir o vídeo, mas com muita força de vontade a aula foi planejada e executada com sucesso. O editor de vídeo usado foi o *Sony Vegas* que já estava previamente instalado no computador.



Nome: Francelaide Maria Zeferino Monhol

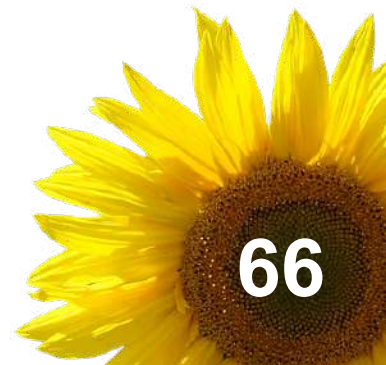
Série: 3º ano

Descrição em forma de texto de como aconteceu a atividade e seu desenvolvimento:

Durante o trabalho pedagógico são realizadas várias atividades e experiências que vão além do lápis e caderno e é preciso mostrar à família o trabalho realizado na escola ou fora dela, por isso procuro fotografar esses projetos e atividades realizadas.

A produção de um vídeo com uso do software Movie Maker foi a forma utilizada para mostrar essas atividades e experiências.

A princípio não sabia como fazer. Com a ajuda do meu filho baixei o software e preendi como fazer o vídeo. Uma ferramenta simples de usar e o resultado muito bom, pois é possível criar um vídeo a partir de fotografias.



Toda vez que aprendo e utilizo uma nova tecnologia fico mais animada a usar. Infelizmente nas escolas que trabalho e já trabalhei não há essa tecnologia disponível para os estudantes, por isso como professora tento levar algumas possibilidades para o trabalho em sala de aula, pois quando os estudantes assistem o vídeo que apresenta o que eles fizeram, se observa um estímulo para o estudo muito maior, bem como para os pais, que visualizam todo o trabalho pedagógico realizado.

Aprendi a usar esse *software* antes da realização do curso e participar dele, me possibilitou aprender mais e a empregar novas ideias na prática docente.

O uso das tecnologias deixa as aulas atrativas e interessantes, mas infelizmente não temos uma sala de informática para que os estudantes utilizem efetivamente.



Nome: Rosania Kalk Plaster

Descrição em forma de texto da prática pedagógica fazendo uso da tecnologia:

Sou Rosania Kalk Plaster, professora de arte da rede municipal de Domingos Martins, moro no interior do estado do Espírito Santo, na comunidade de Melgaço, município de Domingos Martins. Sou descendente de pomeranos.

Este relato visa destacar um pouco sobre algumas atividades realizadas em sala de aula, na área de conhecimento da arte, enfocando práticas diferenciadas com o uso de tecnologias para aprimorar mais as aulas, bem como também, demonstrar aos estudantes através da prática os vários segmentos da arte

Gostaria de destacar que em muitos momentos a área da arte é desvalorizada por outras áreas de conhecimento e por vezes pelos próprios professores do segmento por não manterem uma postura de igualdade no âmbito escolar, e isto sempre me incomodou muito como docente. Penso que o meu papel de professora de arte é também de mediadora do processo de partilha do sensível ou de apropriação da realidade humano-social, também sob a forma de arte.



Na instância de construção de autonomia do estudante na leitura de imagens, processo permanente de significação, de apropriação e de partilha da arte.

Citarei aqui uma atividade realizada com uma turma de 9º ano utilizando o recurso da fotografia para executá-la, veio a ideia de realizar um trabalho com fotografia, pois como a maioria dos estudantes da turma tinham um aparelho celular, isto se tornaria mais fácil e o tema tecnologia estaria presente no ato de registrar as imagens.

Os estudantes realizaram pesquisas de obras de arte famosas estudadas no decorrer do ano letivo de vários períodos artísticos e depois retrataram as mesmas por meio de releituras com fotografias.

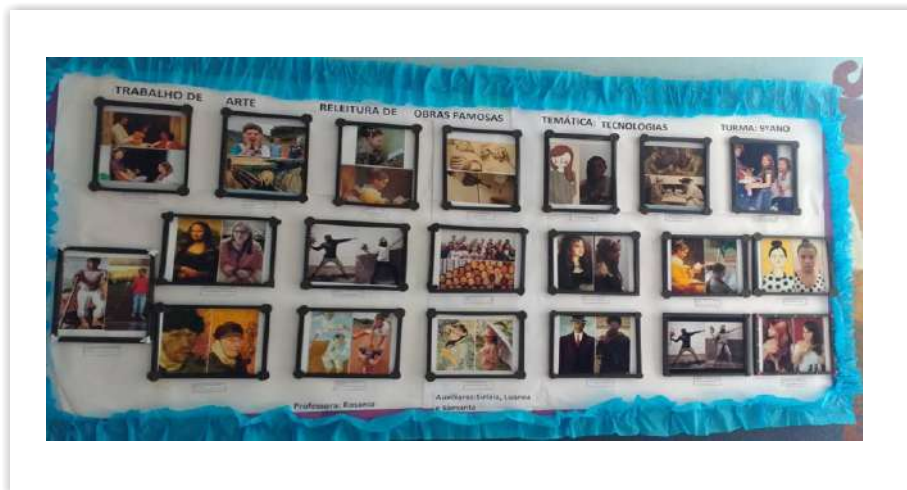


Fig. 18 - Exposição fotográfica na escola
Fonte: Arquivos de Rosania Kalk Plaster, 2019.



Em relação aos conhecimentos de Arte, destaca-se que, foi abordado em especial a Arte contemporânea e a Fotografia. Por meio dessa atividade, os alunos perpassaram por todos os períodos artísticos, ao utilizarem diferentes linguagens da arte, como o contexto, as formas e as cores.

Essa atividade proporcionou aos estudantes exercitarem a observação e descrição criteriosa de uma obra de arte famosa, com pesquisa sobre o artista e toda a história da obra em si e depois realizaram uma releitura da obra escolhida através do registro fotográfico, onde os mesmos se fizeram pertencentes a obra de arte como personagens. Outra atividade com fotografia foi realizada efeitos de ilusão de ótica e perspectiva inversa.



Figs. 19 e 20 - Fotografias com efeitos de ilusão de ótica e perspectiva inversa
Fonte: Arquivos de Rosania Kalk Plaster, 2019.



Também foi realizada uma atividade de auto retrato dos estudantes, em forma de avatar através do uso de um aplicativo de celular.

Uma atividade que consigo utilizar em todas as faixas etárias é o uso de massinha de modelar para elaborar vídeos, trata-se de do Stop motion que é uma técnica básica, que depende muito do olhar e da sensibilidade dos estudantes na elaboração dos personagens e elementos de massinha. *Stop motion* é basicamente movimento com imagens paradas. Por definição, cinema também seria isso.

A diferença aqui é que nós captamos as imagens uma a uma, com câmera fotográfica, para formar as cenas que seriam captados em sequência automaticamente se estivéssemos usando uma câmera de vídeo.



Depois das imagens prontas utilizamos o programa *Windows Movie Maker* para elaboração dos vídeos. Trabalhar, então, com animação, que é uma arte multimídia, se constitui em uma oportunidade de explorar várias habilidades artísticas tornando possível a união flexível entre as práticas e as teorias da arte. Uma vez que os estudantes ficam muito empolgados e vislumbrados com o resultado final.

Para conhecer o trabalho realizado, acesse o *QR Code* abaixo:



<https://bit.ly/2JzRwN4>

Acesse o *QR CODE* ao lado e conheça os trabalhos realizados!!!





Lançando novas sementes

Ao término desse material queremos aqui elencar que esse não se encerra aqui, pelo contrário, querendo lançar as sementes, por isso nosso objetivo é que produza reflexões para que por meio da partilha com o outro, podemos aprender juntos, num diálogo constante.

Que cada movimento aqui empreendido seja o ponta pé inicial para que cada professor possa observar sua prática docente e encontrar maneiras de fazer uso da tecnologia em sala de aula sem medo de arriscar, proporcionando atividades diferenciadas que estimulem cada vez mais os estudantes.

Como já explicitamos no início, não se trata de um manual ou guia, mas que possa inspirar a cada professor e professora, no ambiente escolar em que vive e realiza seu trabalho pedagógico a realização de novas práticas que favoreçam o processo de ensino e aprendizagem por meio do uso da tecnologia digital em sala de aula, por meio de uma busca

constante pelo letramento, de modo que, por meio de diálogo e troca de experiências, aconteçam novas formações que busquem auxiliar o docente no uso das diferentes ferramentas tecnológicas em favor da aprendizagem.

Freire (2016 p. 39) nos diz “[...] ninguém educa ninguém, como tampouco ninguém se educa a si mesmo: os homens se educam em comunhão, mediatizados pelo mundo”, reforçando que só nos constituímos como sujeitos no coletivo, jamais sozinhos, por isso se faz importante que juntos possamos nos inspirar e por meio da emancipação, encontrar formas de aprender a fazer o uso da tecnologia em nossas práticas pedagógicas.

Termino aqui deixando para cada um de vocês a leitura da música “A escola dos meus sonhos” do compositor Paulo Roberto Padilha, música essa que me fez pensar em que escola eu sonho, onde quero chegar, mas na certeza que o sonho só se realiza quando sonho com os pés no chão e no coletivo, porque “Sonho que se sonha só, é só um sonho que se sonha só”. Que essa leitura te faça refletir e ir em busca do que você deseja, lembrando que é importante sonhar e realizar!

Que aonde você vá, nunca desista de seus sonhos e saiba que as sementes que lançamos hoje irão um dia germinar, cabe a você lança-la sem medo!



Referências

CALDART, R. S. Licenciatura em Educação do Campo e projeto formativo: qual o lugar da docência por área? In: CALDART, R. S. **Caminhos para a transformação da escola**: reflexões desde práticas da licenciatura em educação do campo. São Paulo. Expressão Popular, 2010.

_____. Educação do campo. In: CALDART, Roseli Salete; PEREIRA, Isabel Brasil; ALENTEJANO, Paulo; FRIGOTTO, Gaudêncio. **Dicionário da Educação do campo**. Rio de Janeiro, São Paulo: Expressão Popular, 2012. p. 259 -267.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 62ª ed. [1967]. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2016.

FREITAS, Abrahão de. et al. Fotografando a realidade Social, Econômica, Cultural e Afetiva dos Sujeitos da EMEF Aracê. In: SILVA, Adenildes Stein; MORETO, Charles; FOERSTE, Erineu; JESUS, Janinha Gerke; TRABACH, Maria Aparecida. (Orgs.). **Educação do Campo: Saberes e Práticas**. 1. ed. Vitória/ES: Edufes, v.1, 2012. p. 189-203.





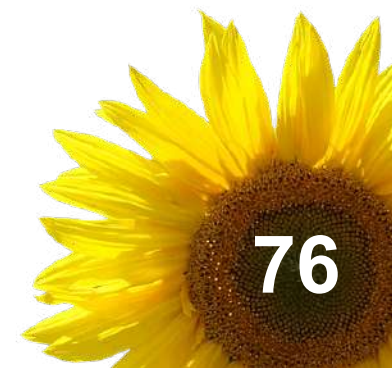
GERKE DE JESUS, Janinha. **Sentidos da formação docente para a profissionalização – na voz do professor do campo. 2014.** 365 f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2014. Disponível em: <https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=1895860> Acesso em: 19 abr. 2018.

IBGE. **Censo Demográfico do Espírito Santo. Domingos Martins. 2010.** Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/es/domingos-martins/panorama>>. Acesso em: 24 fev. de 2019.

KENSKI, Vani Moreira. **Novos processos de interação e comunicação no ensino mediado pelas tecnologias.** Pró-Reitoria de Graduação: São Paulo, 2008.

MOLINA, Mônica Castagna; SÁ, Lais Mourão. Escola do Campo. In: CALDART, Roseli Salete; PEREIRA, Isabel Brasil; ALENTEJANO, Paulo; FRIGOTTO, Gaudêncio. **Dicionário da Educação do campo.** Rio de Janeiro, São Paulo: Expressão Popular, 2012. p. 326-333.

NICKEL, Mônica. **Educação do Campo:** formação continuada de professores na prática. 1.ed. Curitiba: Appris, 2018.





PIRES, Angela Monteiro. **Educação do campo como direito humano**. São Paulo: Cortez, 2012.

POLETO OLIVEIRA, Maria Madalena. **Educação do campo e novas tecnologias**: diálogos com o ambiente virtual em contextos de aprendizagem escolar. Alemanha: Novas edições acadêmicas, 2013.

RIBEIRO, Marlene. Educação rural. In: CALDART, Roseli Salette; PEREIRA, Isabel Brasil; ALENTEJANO, Paulo; FRIGOTTO, Gaudêncio. **Dicionário da Educação do campo**. Rio de Janeiro, São Paulo: Expressão Popular, 2012. p. 295-301.

SOUZA, Natalina Pereira de. **Liberdade para a Educação do Campo**: o uso das Tecnologias da Informação e Comunicação. 1. ed. Curitiba: Appris, 2016.M



Para finalizar e refletir...

A escola dos meus sonhos

O que é a escola dos meus sonhos?
Qual é a escola dos seus sonhos?
Que sonhos de escola já sonhamos nesses anos?
Quantos sonhos já abandonamos?

Quero sonhar e ter um pé no chão
Quero o futuro no presente da educação
Quero a escola cidadã e planetária
Que é libertadora e que nunca é bancária.

Como é bom sonhar e te encontrar
Pra junto sonhar contigo
“Sonho que se sonha só
É só um sonho que se sonha só”
Vem comigo realizá-lo.

Como é a escola dos meus sonhos?
Onde está a escola dos meus sonhos?
Que planos eu tenho pra escola dos meus sonhos?
Que utopias guiam os nossos sonhos?

Quero humanizar as novas tecnologias
Quero ensinar a aprender com alegria
Quero educar dentro e fora da escola
Quero resistir e me emancipar agora.

Quero conviver e valorizar
O respeito às culturas
Quero insistir: quero ser feliz
E poder ganhar as ruas
Como é bom sonhar...

Paulo Roberto Padilha



